

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da C. G. T.
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração — Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Enc. telegr. Talla — Lisboa • Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A limpeza da cidade

Tom ágado ultimamente a poeira, naturalmente por determinação superior, a efectuar rusgas a rádios, no intuito provável de exurgir a cidade daqueles elementos que possam ser nocivos à tranquilidade e ao bem estar da população. Chama-se vadios áqueles criaturas sem ofício nem benefício, que para aí vagabundeiam a miséria tendo perdido o amor ao trabalho talvez porque a dureza desta nada tem que a amenize, tornando agradável o aluguel, a qualquer patrão, dos bragos produtores, enquanto estes conservarem o vigor que os torna dignos da insignificante tuta e deia com que o patrão usa fingir de lhes retribuir o esforço.

Os vadios, abstrahindo os trabalhadores honestos a quem a poeira tem dado por vezes esta classificação infamante para justificar perseguições aos olhos dos apalvos, os vadios são realmente criaturas sem préstimo social algum, e se não vamos até ao ponto de auxiliar ou aplaudir a actividade antifraternal dos esbirros, que caçam vadios acesamente, para justificar aquele provérbio de dá como pior inimigo nosso o oficial do nosso próprio ofício, também, por outro lado, nada nos impede de declarar que nenhum ponto de contacto existe entre as nossas aspirações e o proceder daqueles indivíduos a quem os odigos angustos condenam por ausência de modo de vida definido ou confessional.

Bem vistas, porém, as cousas, os vadios não são dos que maiormente contribuem para infelicitar o povo ou manter na miséria as sociedades. O crime deles, segundo critério da lei, é primeiramente de não terem domicilio. Não é delicto dos mais censuráveis, principalmente numa época em que, muitos de nós, que não somos vadios, corremos sérios riscos de também ficar sem domicilio, tamanha sendo a falta deles no nem conseguem obtê-las os que podem pagar rendas chorudas e trespasses leoninos. Daí, se não ter domicilio é oprimido, pôde o governo, com a acção moralizadora que lhe compete, remeiar o mal, mandando, por exemplo, pôr camas nos compartimentos amplos do palácio de S. Bento ou de qualquer outra casa de espectáculos pouco frequentada. Estamos em crer que nenhum

vadio, por mais vicioso e arraigadamente vadio que seja, trocará de boa vontade os portais frigidíssimos das noites desoladas do inverno que se aproxima, por um leito fofo, num aposento ornamentado a herbicachos dourados.

Ora os vadios são ainda acusados de não ter profissão ou de não trabalhar. Não trabalhar no sentido de não desempenhar qualquer tarefa útil. Os vadios vadiam, deambulam, filosofam, estudam a melhor maneira de arranjar almoço, nem sempre estudos desta natureza sendo coroados de successo, umas prisioneiras a pôr-lhe na existência umas notas de improviso, o seu furto de vez em quando, que um homem não vive do ar exclusivamente, mas furtos de pequena importância, ou um bacadinho da porta de uma mercearia ou um pão do cabaz enquanto o padeiro volta costas.

Ora, se não fazer nada constitui um crime, e se roubar o próximo justifica uma penalidade, caso é para estranhar que a policia não alargue a limpeza da cidade até mais altas esferas, onde criaturas há, em número avultadíssimo, que refinam na prática desses mesmos crimes, perpetrando-os de uma forma audaz que multiplica ao infinito os danos causados.

Que crime é maior e mais digno de castigo: o do miserável *va-nu-pieds* que fura na Ribeira três carapaus fritos, ou o do especulador que rouba ao estômago duma população inteira, a alimentação das crianças, ao vigor da raça, o suco vital representado pelos géneros alimentares deixados malvadamente apodrecer por esses armazéns para conservar-se a alta artificial do custo da vida? Respondam os sacerdotes da justiça. Que ocosidade é mais condenável: a do descamisado que não procura ou a quem recusaram ocupação, ou a do endinheirado explorador, cada gesto do qual representa invariavelmente uma sangria mais no já exausto organismo público? Respondam os sacerdotes da justiça. Respondam e digam-nos se não representa uma iniquidade vilíssima esta diferença de proceder que dá a uns criminosos, aos piores, prebendas, honrarias e consideração social, reservando para outros a cadeia ou o envio infamante para a África em porções infectos.

Um congresso anarquista

Realizou-se em meados deste mês, em Colônia, um importante convénio de anarquistas da América e da Alemanha, tendo aderido todos os grupos, federações ou não, daquelas duas regiões itálicas e estando também representada a União Anarquista da Itália.

O assunto mais importante e mais discutido foi a «ditadura do proletariado», tendo o convénio acabado por provar por unanimidade uma moção, cuja conclusão é a seguinte:

«Caso a revolução, ou por predominância de pareceres opostos ou por circunstâncias imprevistas e força dos acontecimentos, tome uma feição mais ou menos autoritária ou ditatorial, os anarquistas, continuando embora a propagar as suas ideias e métodos e ficando a oposição em face do novo poder, constituindo de certo modo a extrema esquerda revolucionária do movimento, empenhar-se-ão igualmente em defender a todo custo a revolução, seja qual for a sua orientação, contra as forças reaccionárias e anti-revolucionárias de dentro ou de fora, com intransigência e ardor ainda maiores do que os outros, não perdendo nunca de vista que, antes da definitiva derrota e desaparecimento do capitalismo e dos seus governos, são e serão eles os nossos principais inimigos».

Esta resolução traduz bem a atitude de todos os anarquistas, ou antes, de todos os sinceros revolucionários.

"SOLIDARIEDADE OBRERA"

Conforme noticiamos o governador de Valência suspendeu, há tempos, o brilhante diário sindicalista revolucionário *Solidariedade Obrera*. Bastantes esforços fizeram os camaradas que dirigiam a gazeta para que ela depressa reaparecesse, esbarrando sempre com a oposição do governador civil. Em vista disso, deliberaram sair com um novo diário intitulado *La Soli*, o que o referido governador também não consentiu.

Tam arbitrário procedimento tem levantado a maior indignação entre o operariado consciente de Valência,

Do Nacionalismo integralista

Duas palavras à "Monarquia"

Não repliquei já à *Monarquia*, porque agitarava o complemento dos seus interessantes comentários ao meu arrazoado de há dias sobre o nacionalismo integralista. Como quere que lhes não visse continuação, talvez por terem vindo nalgum rú nero apreendido ou porque me passassem despercebidos, respondendo hoje muito sumariamente, tendo quanto me permite o pouco tempo de que disponho, não por espírito verriheiro de polémica, que desconheço, mas por simples cortezia sempre devida a quem timbra em ser gentil e esgrime com lealdade—coisa tam rara em jornalismo—as armas nobres dos princípios.

As considerações da *Monarquia* gravitam em torno dum erro de atribuição e ficam por isso prejudicadas em grande parte. Eu não versei o integralismo lusitano, mas o nacionalismo integralista—e é este o título da minha crônica. Foi o carácter geral do movimento que toscamente esbocei, e que é no fundo o do integralismo lusitano que teve na tendência política da *Acção Française* a sua génese filosófica e ideológica, com as modificações secundárias que lhe advieram da adaptação à indole portuguesa.

Não procurei, efectivamente, ler ainda Gama e Castro, cujas teorizações de resto me não são desconhecidas pelo que delas assimilei em a *Nação Portuguesa*. Aprecio o alto valor social e literário dos trabalhos do sr. António Sardinha e outros ilustres integralistas, e o trânsito recente do malogrado Xavier Cordeiro rememora-se numa piedosa evocação a sua linda memória o *Problema da vinculação* de um delicado perfume antigo que pouca, tanto o tanto em estimação, na mesma fileira onde perfilam Fustel de Coulanges e Gama Barros, não distante das preciosas obras de espiritualidade dos meus caros beneditinos de Maredsous que, diga-se de passagem, para os arreliares senhores que são católicos e praticantes (é a minha vingança de bolchevista por ousarem duvidar do meu conhecimento directo das fontes nacionalistas), aí não conheçhem, já apostar, nem talvez de citação...

De facto, a *Monarquia* insinuou com as discretas reservas da sua primorosa educação, que a minha sciencia nacionalista a fôra buscar, como quem diz em segunda-mão ao expositor e crítico Guy-Grand. Não há dúvida que estou um pouco familiarizado, como toda a gente que lê, com o *Procs de la démocratie* e *La philosophie du nationalisme*; mas sem petulantias alardes de erudição que não me são próprios e aborço, se recorrendo a citações por ter sido provocado, sempre direi ao órgão integralista que tenho muito prazer em possuir *L'enquête*, *Le dilemme* e *Le coup de force*, de Ch. Maurras; *La monarchie* e *L'homme qui vient*, de Georges Vallois, mais a sua interessante brochura *La révolution sociale ou le roi*; os opúsculos de Jean Rivain *Politique, morale, et Les socialistes antidémocratiques* versando o sindicalismo; *Le système politique d'Auguste Comte*, de Montesquiou, e *Les maîtres de la contre-révolution*, de Dider, além de vários números da revista *Acção Française*.

Não é nada, mesmo nada, reconheço, para os meus ilustres contraditores intelectuais; mas tratando-se de um assunto nos antipodas daquele que occupa e interessa a um militante revolucionário, o facto não deixa de provar o espirito de tolerância e um honesto propósito de combate que vai até a reconhecer a belligerância duma doutrina fundamentalmente adversa, só porque se escuda na alta dignidade da inteligência que é para mim decisiva.

Rematando. Há um reparo ainda: é a referência injusta da *Monarquia* à intolerância intelectual dos meus compatriotas de combate. Nenhum de nós negou ainda aos assuntos da inteligência—o primado a quem tem jus, e nem deixou jamais de prestar-lhes todas as honras que lhes são devidas. E precisamente porque assim succede é que me sinto bem aqui, longe da corrupção política e das ambições desenfreadas, num saudável ambiente de moralidade e dignidade que a *Monarquia*, sabendo bem o que sobre este particular filosofaram Sorel e Berth, não pode deixar de reconhecer, se fôr sincera, como creio.

Manuel RIBEIRO

Federação Nacional da Construção Civil

NOTA OFICIOSA

Segundo um artigo do *Combate* de ontem, faz-se a acusação de que na antiga sede da U. O. N., cuja localidade é esta Federação, se fizeram reuniões secretas para arrastar o operariado a colaborar no Derrobrismo. Esta Federação repita O *Combate* a provar tal acusação sob pena de se comprovar uma vez mais os processos caluniosos de que esse jornal se utiliza.

A Federação

O Conselho Supremo Aliado envia a sua última nota à Alemanha

PARIS, 28.—O Conselho Supremo dos Aliados decidiu no sábado enviar ao governo alemão, por intermédio do marechal Foch, uma última nota exigindo evacuação imediata das províncias da Báltica, da Lituânia e da Curlândia pelas tropas comandadas pelo general Von der Goltz. Se a Alemanha se não inclinar ante esta deliberação, os aliados encontram-se dispostos ao seguinte: 1.º—A suspensão de todo e qualquer envio de abastecimentos para a Alemanha, quer seja em víveres, quer em matérias primas. 2.º—Serão anuladas todas as negociações de ordem financeira actualmente em via de solução como sejam empréstimos ou aberturas de créditos. —(T. S. F.)

Na Noruega

Há satisfação pela forma como foi solucionada a questão de Spitzberg

CRISTIANIA, 28.—Os jornais noruegueses occupam-se da questão de Cristiania, comentando a decisão do conselho supremo dos aliados relativa a Spitzberg, que foi entregue a Noruega. Os jornais declaram que essa decisão não podia ser mais agradável do que foi, e a Noruega vê nela uma prova de consideração e estima das grandes potências aliadas. A solução do problema russo e da questão de Riga impõem-se também ao critério do Conselho Supremo, e a Noruega espera ver em breve tudo resolvido. —(T. S. F.)

A agitação operária em França

Solucionam-se várias greves na Lorena

PARIS, 28.—Estalaram várias greves locais nas minas de carvão e ferro da região da Lorena. Estas greves foram porém solucionadas, tendo os operários retomado o trabalho na sexta-feira. A solução dessas greves deve-se às autoridades militares e em especial ao sr. Mirman, comissário da República francesa em Metz. —(T. S. F.)

A Casa dos Trabalhadores é uma aspiração para qual todos os proletários devem interessar-se

as discretas reservas da sua primorosa educação, que a minha sciencia nacionalista a fôra buscar, como quem diz em segunda-mão ao expositor e crítico Guy-Grand. Não há dúvida que estou um pouco familiarizado, como toda a gente que lê, com o *Procs de la démocratie* e *La philosophie du nationalisme*; mas sem petulantias alardes de erudição que não me são próprios e aborço, se recorrendo a citações por ter sido provocado, sempre direi ao órgão integralista que tenho muito prazer em possuir *L'enquête*, *Le dilemme* e *Le coup de force*, de Ch. Maurras; *La monarchie* e *L'homme qui vient*, de Georges Vallois, mais a sua interessante brochura *La révolution sociale ou le roi*; os opúsculos de Jean Rivain *Politique, morale, et Les socialistes antidémocratiques* versando o sindicalismo; *Le système politique d'Auguste Comte*, de Montesquiou, e *Les maîtres de la contre-révolution*, de Dider, além de vários números da revista *Acção Française*.

Não é nada, mesmo nada, reconheço, para os meus ilustres contraditores intelectuais; mas tratando-se de um assunto nos antipodas daquele que occupa e interessa a um militante revolucionário, o facto não deixa de provar o espirito de tolerância e um honesto propósito de combate que vai até a reconhecer a belligerância duma doutrina fundamentalmente adversa, só porque se escuda na alta dignidade da inteligência que é para mim decisiva.

Rematando. Há um reparo ainda: é a referência injusta da *Monarquia* à intolerância intelectual dos meus compatriotas de combate. Nenhum de nós negou ainda aos assuntos da inteligência—o primado a quem tem jus, e nem deixou jamais de prestar-lhes todas as honras que lhes são devidas. E precisamente porque assim succede é que me sinto bem aqui, longe da corrupção política e das ambições desenfreadas, num saudável ambiente de moralidade e dignidade que a *Monarquia*, sabendo bem o que sobre este particular filosofaram Sorel e Berth, não pode deixar de reconhecer, se fôr sincera, como creio.

Manuel RIBEIRO

AINDA "O COMBATE"

Volta o *Combate* a insultar-nos, levando-nos para uma discussão de mulheres de soalheiro, na qual certamente acabaríamos por ficar mal, posto que nos faltam as qualidades necessárias para vencermos pela incorrecção e pela insidia os que só deste modo se aloitam a discutir conosco.

Além de que nós temos alguma coisa a perder, o que não acontece com o nosso adversário. A *Batalha* tem um nome feito, tem milhares de leitores que lhe devem merecer mais consideração do que qualquer folha politiquêsca que, para se fazer reclame, ou para se furtar a discussão calma e serena de princípios, se agarra à única táboa de salvação que é a calúnia infame e a torpe alevisia.

Punhamos, pois, os pontos nos ii. A organização operária, de que a *Batalha* é porta-voz, sabe muito bem o que deve aos socialistas do *Combate*. Os trabalhadores conscientes conhecem bem os processos de que os socialistas se tem servido com o intuito único de ascender às cadeiras do mando.

Para quê, pois, estamos a alimentar uma discussão sem pés nem cabeça, que ameace eternizar-se?

Tem sido como diz O *Combate*—nefasta aos trabalhadores a existência da *Batalha*?

Tem aproveitado mais às classes operárias a acção daquele jornal, acção que nós não logramos, por mais que nos esforcemos por isso? Tem o P. S. P. trabalhado mais, e mais proficuamente, em proveito dos operários do que a sua organização sindical? Tem sido mais honesta a attitude do P. S. P. do que a da U. O. N.?

Os operários sabem muito bem o que hão de responder. Ainda há bem pouco o fizeram e, bem eloquentemente, no Congresso de Coimbra.

Para que havemos de estar a perder tempo e espaço com contraditórias que o não merecem? Nós não escrevemos por profissão. Não estamos aqui para ganhar dinheiro. Não sabemos fazer chantage, nem isso nos seria consentido pelos operários que directamente representam os seus interesses.

E como é a estes que temos que dar contas dos nossos actos, vamos ocupar o nosso tempo em assunto de maior importância do que está a perder cera com ruídos delinquentes.

De resto, a própria organização sindicalista, directa e oficialmente, se encarregará de calar O *Combate*.

Nós ficamos por aqui. A menos que o órgão socialista queira vir à tala da discussão como pessoa decente. Doutra maneira não.

A concessão da Cruz de Guerra a cidadãos belgas

Mr. Torniquin, maire de Dunkerque, que assistiu ao congresso dos mairres de Paris procedeu a várias *démarches* no ministério do interior para que a Cruz de Guerra francesa seja concedida às cidades belgas de Furnes, Newport e Dixmude que, não sómente defenderam a cidade de Dunkerque, como protegeram com o seu corpo a fronteira francesa. —T. S. F.

EM SANTARÉM

O CONGRESSO NACIONAL DOS CAIXEIROS

inaugurou-se ontem, no teatro Rosa Damasceno, estando presentes 46 delegados, representando 10.000 empregados no comércio

SANTARÉM, 28.—Quando chegamos à estação do Rossio para tomar o comboio que nos havia de conduzir à histórica *Santa Irene*, já a locomotiva estava atrelada e as carruagens repletas. Lá nos metemos de qualquer maneira e conseguimos ainda um lugar vago, por acaso ali reservado para algum retardatário. A locomotiva resfolga, arranca as dez carruagens apinhadas e embrenha-nos na escuridão do túnel. Estávamos ali sem ninguém conhecido com quem trocar impressões sobre o congresso que ia realizar-se. Uma cara que não nos era de todo desconhecida chamou-nos a atenção.

—Vai ao congresso? perguntamos.

—Qual congresso? pergunta o nosso vizinho por sua vez.

—O dos caixeiros, em Santarém.

—Não sou caixeiro.

—Ah! Supunha; desculpe.

Não havia maneira de passar para outras carruagens porque os corredores estavam cheios. Resignamo-nos a fazer a viagem sem dar à língua.

Três horas depois, já quando Morfe começara a estender as suas asas por sobre a maior parte dos meus vizinhos companheiros de viagem, chegámos a Santarém. A custo rompemos por entre os passageiros que atulharam os corredores e apeamo-nos. Começamos então, pela primeira vez, a ver algumas caras amigas na semi obscuridade da estação.

As carruagens despejavam mais pessoas, sempre mais pessoas que jejavam a gare, aglomerando-se à porta para entregar o bilhete e entrar na cidade. Perdemos de vista os amigos que vinham de encontrar e, finalmente, após boa meia dúzia de encontros e pizadelas, lá conseguimos entrar.

Chamou-nos a atenção um numeroso grupo, portador dum estandarte, e donde partiam entusiasticos vivas à C. G. T., à classe dos caixeiros, à *Batalha*, etc.

Eram os congressistas que se estavam reunindo para seguirem todos juntos.

Aproximamo-nos mas foi-nos impossível distinguir algum conhecido. A escuridão era completa.

Começamos a subida que nos informaram conduzir à cidade propriamente dita. O caminho não podia ser mais monótono. Talvez por ser de noite e por estarmos fatigados da maçadora viagem, impacientou-nos aquela interminável escalada. Conosco seguiam vários indivíduos, sem dúvida congressistas, mas todos desconhecidos.

—E congressista? Perguntamos a um que seguia a nosso lado.

—Sim, senhor, responde. E o amigo?

Declinamos a nossa identidade e, para amenizar a subida, trocámos algumas palavras.

—Quantos delegados calcula o camarada que virão ao congresso?

—Uns quarenta e tal.

—Quantos sindicatos representam, pouco mais ou menos?

—Devem representar aproximadamente 10.000 empregados no comércio, sindicatos. Número pequeno, é certo, se atendermos a que a classe é numerosíssima. Mas que quere? Os empregados comerciais, triste é dizê-lo, são muito refractários à organização.

—Deste congresso, no entanto, devem sair trabalhos de importância para a organização da classe, não lhe parece?

—E esse o nosso maior desejo e, pessoalmente, estou esperançado em que alguma coisa se conseguirá.

—E' mais que certo que, desta vez, serão finalmente lançadas as bases da unificação da classe, o mais importante dos problemas, a meu ver...

—Isso sim! Não é porque uma parte dos empregados no comércio não esteja de alma e coração disposta a levar à prática essa aspiração; é que há também uma corrente favorável à existência das pequenas associações por ramos de negócio, e creio firmemente que essa corrente conseguirá levar ávante a sua opinião.

—Com que, então, ainda não é desta vez que se fará a tam almejada unificação dos empregados no comércio? E continuará existindo as associações de pessoal menor, dos empregados de escritório, empregados de farmácia, etc., etc.?

—Claro que, se acontecer o que eu espero, continuará existindo essas pequenas associações dispersadoras de energias. No entanto, parece que há delegados que tencionam propor, caso não possa ser criado o Sindicato Unico, que cada uma dessas associações tenha um delegado na Federação. E' a única coisa que se pode conseguir, a não ser que do congresso surja alguma surpresa agradável, o que não creio.

Chegámos ao alto, ao antigo bairro *Maravilhas*, a parte mais nobre da cidade, onde se encontram os melhores edifícios e os mais veneráveis monumentos históricos.

Após uma curta visita à Associação dos Caixeiros de Santarém, dirigimo-nos ao hotel a fim de tomar uma ligeira refeição e descansar até o dia seguinte.

Imitaram-nos muitos congressistas, decorrendo animada a refeição, finda a qual todos recolheram para repousar.

O domingo faz-nos a agradável surpresa de se nos apresentar cheio de sol logo às primeiras horas da manhã. Por

isso, às sete e meia, já muitos congressistas passeiam pela cidade, cheios de curiosidade e aproveitando as duas escassas horas que ainda faltam para se dar início aos trabalhos do congresso.

São oito horas quando saímos. Caminhámos um pouco ao acaso pelas ruas da importante cidade e, constantemente cruzamos caras conhecidas. Espera-se ainda a chegada dos delegados do Norte, que não puderam vir ontem.

Encaminhámo-nos para onde vemos, os congressistas seguir e, daí a pouco, estamos num dos pontos mais altos, denominado Alto de S. Bento, donde se deslucha um panorama verdadeiramente surpreendente. Lá encontramos muitos congressistas, o mesmo acontecido nas Portas do Sol e Monte das C'avos, que depois visitámos também e donde igualmente a vista abrange paisagens encantadoras.

Todos lamentam não poder ver pormenorizadamente os restos dos conventos que aqui existiram e cujos vestígios alestam claramente a velhice da cidade onde Afonso Henriques deu provas da sua ferocidade e bravura, chacinando os mouros impiedosamente.

O movimento operário, dizem-nos, está aqui morto ou quasi morto. A população mostra a sua estranheza por ver tanta gente de fora, não compreendendo, talvez, o que aqui virão fazer os camaradas caixeiros.

Estes, após o almoço, dirigem-se apressadamente para o teatro Rosa Damasceno, onde as sessões vão ter lugar. Para lá nos dirigimos também, acompanhados dum camarada que nos confia as suas esperanças na classe, até agora imersa na mais profunda apatia. E, enquanto galgamos a distância que nos separa do teatro, o nosso amigo vai-nos pondo ao corrente do desespero dos seus colegas, citando, entre outros exemplos, os empregados de livraria que já apresentaram as suas reclamações ao patronato e que dentro em breve as verão satisfeitas, devido à forma activa como souberam imp-las. E' realment: digna de nota a attitude dos caixeiros de livraria e oxalá os caixeiros dos outros ramos de comércio lhes sigam as pizadas a fim de que, duma vez para sempre, o patronato se convença que os caixeiros não são bestas de carga, mas sim homens com direito à vida.

Eram onze horas quando transpuzemos o portão do teatro Rosa Damasceno, onde já se encontravam bastantes delegados aguardando o início dos trabalhos.

A sessão preparatória

A comissão verificadora de mandatos inicia pouco depois o seu trabalho que se prolonga até às 13.45, hora a que o Manuel Cid, de Santarém, abre a sessão preparatória procedendo-se em seguida à chamada a que respondem quarenta e seis delegados. Passa-se à leitura do parecer da comissão verificadora de mandatos, que é aprovado pelos congressistas, após algumas explicações de Luís Pinheiro e de João Pereira Mendes Martins.

Em seguida é lido o regulamento do congresso que, por proposta dum delegado, é discutido na especialidade de modo integralmente aprovado sem modificações.

Procede-se depois à nomeação da mesa para a sessão inaugural, ficando constituída por Joaquim Carreira, do Porto, presidente; Henrique Leitão, da Covilhã, 1.º secretário; e Rodrigo Ramos, de Braga, 2.º secretário; que occupam os seus lugares no meio duma salva de palmas.

Carreira, ao tomar a presidência, saúda o Congresso e a classe trabalhadora em geral, representada pela C. G. T., a qual é feita uma entusiástica manifestação.

A sessão inaugural

E' lida a acta da comissão de pareceres e em seguida aprovada, procedendo-se depois à chamada dos congressistas respondendo 46 delegados.

Lê-se o expediente do qual constam saudações dos Empregados do Comércio de Beja, Sindicatos Operários de Lisboa, Sindicato Metalúrgico de Lisboa, Caixeiros de Leiria, Caixeiros de Torres Novas, Caixeiros de Santarém e grupo de Montemor-o-Novo.

E' dada a palavra ao representante dos caixeiros de Santarém que saúda o congresso da classe, fazendo votos para que dele saia a vitória das classes dos empregados comerciais.

Antes de entrar na ordem dos trabalhos são concedidos 30 minutos para se discutirem vários assuntos de interesse.

O camarada presidente expõe à assembleia que na sala se encontra o representante da C. G. T. portuguesa, bem como o delegado da U. S. O. de Lisboa. Após esta informação da presidência, é dada a palavra a Manuel Joaquim de Sousa que diz ser enviado pela C. G. T. a fim de explicar, mais ou menos, as resoluções do II Congresso Operário Nacional, há pouco realizado em Coimbra.

Referindo-se à organização do caixeirato, diz não ter razão de existir a associação denominada União dos Empregados no Comércio, por ter sido criada por uma dissidência e por agrupar um número de associados muito restricto.

Estamos numa epoca, diz Sousa, em que as classes trabalhadoras tem forçosamente que aprestar-se para a luta, através de todas as dificuldades. E' lógico que os governantes se defendam e é igualmente lógico que a classe operária os ataque com ponderação sim, mas com constante energia. Diz não vir impôr aos caixeiros que sigam uma determinada tática de combate, confiando apenas que a classe operária organizada saberá adoptar uma tática mediante a qual se arranque à burguesia o máximo de regalias que seja possível obter. Só pela pressão constante das classes operárias sobre o patronato se consegue que os governantes sejam forçados a ceder o que por processos brandos nunca se conseguirá. Cita o exemplo da lei das 8 horas, dizendo que, se a classe dos caixeiros não souber impôr a execução da lei, nunca ela será de facto posta em execução, apesar de todos os erros e portas falsas de que está vivida, como de resto estão evitados todos os diplomas governativos. Termina exortando os caixeiros a organizarem-se solidamente para poderem estar à altura da situação extremamente grave que atravessamos. Uma salva de palmas coroa as últimas palavras do orador.

Em seguida fala, pela U. S. O. de Lisboa, o camarada Alberto Monteiro que afirma ter o reformismo falhado em Portugal e ser necessário enveredar por um caminho mais em conformidade com a hora presente.

Refere-se à lei das 8 horas que diz estar defeituosíssima e espera que os caixeiros se pronunciem sobre o assunto. Falando sobre o sindicato único diz estar esperançado em que, depois de organizada a Federação, a organização da classe, a organização do Sindicato Unico da classe. A assembleia aplaude o orador que, depois de saúdar, em nome da U. S. O. o caixeirato reunido do Congresso, termina a sua curta alucução.

O camarada presidente propõe que o Congresso se pronuncie, antes de entrar na ordem dos trabalhos, sobre os interessantes problemas enunciados por Manuel Joaquim de Sousa. Aprovada unanimemente esta proposta fala Amílcar Costa, que diz não concordar com as palavras de Manuel Joaquim de Sousa no respeitante à organização do caixeirato. Acrescenta que julga da maior importância que o Sindicato Unico seja imediatamente organizado, não se esperando mais tempo para pôr em execução uma medida de tam largo alcance para a organização do caixeirato. Antes de terminar, o orador propõe se saúdem os lutadores que pela classe se tem sacrificado e que, por motivos vários, se não encontram presentes no Congresso, sendo aprovado unanimemente. Igualmente foram aprovadas por aclamação uma saúdação à C. G. T., e outra aos caixeiros do país vizinho. Por Joaquim Carreira foi apresentada a seguinte saúdação:

Joseph Verschueren, secretário da Federação Internacional dos Empregados-Gand.

Os empregados no comércio português reunidos no seu VI congresso corporativo na cidade de Santarém, enviam-vos as suas saúdações fraternais e firmam as suas melhores votos para que seja um facto a completa solidariedade com os seus camaradas da além fronteiras.

E' também aprovada por aclamação, Manuel Joaquim de Sousa pede licença para dar uma explicação a Amílcar Costa. Concedida essa licença diz Sousa que está perfeitamente de acordo com Amílcar Costa, pois é apologeta dos Sindicatos Unicos; as suas anteriores declarações foram apenas norteadas pelo receio de que não seja possível para já a organização do Sindicato Unico, por ser talvez difícil fazer desaparecer as manifestações que foram feitas à C. G. T., e termina as suas considerações. Corvo faz o elogio dos caixeiros de livraria, que duma forma energética estão procedendo para conseguir satisfação às suas reclamações. Propõe uma saúdação a esses camaradas bem como o seguinte protesto:

Propomos que se envie ao governo o seguinte telegrama:

«VI Congresso Empregados no Comércio protesta contra perseguições elementos operários e reclama imediata libertação presos questões sociais».

Santarém e Sala do Congresso, 28 de Setembro de 1919.—José Corvo e António Faustino, (delegados de Lisboa).

Ambas as propostas são aprovadas por aclamação.

Fala depois António Faustino, de Lisboa, que se refere à especulação que se está fazendo com os géneros de primeira necessidade, atacando fortemente o alto comércio, único culpado pelo apodrecimento dos géneros alimentícios. Diz que os caixeiros são convenientes

CARESTIA DA VIDA

As apreensões e varejos não passam de um pouco de poeira atirada pelos governantes aos olhos do proletariado

Diz-se que pelo dedo se conhece o gigante.

O actual governo faz constar que dispõe dos elementos indispensáveis para manter na ordem e disciplina a sociedade portuguesa; mas não vemos o contrário. Não só este governo não se reveste dos requisitos que apregoa, como é certo que nem ao menos dispõe de inteligência para estabelecer um certo equilíbrio entre os interesses do público e a desmedida ganância do comércio, indústria e lavoura.

E' sabido, e sabe-o o mais parvo, que aquele trio nunca esteve mais desafiado do roubo; e as medidas do governo contra elle tem sido simples fantochadas, que se não revoltassem, dariam muito que rir.

E, de duas uma: ou essa gente que governa é parva ou está fazendo pouco do povo, do verdadeiro povo.

Passar pela cabeça de alguém que é bom serviço apreender vagões de bacalhau pôde com que se tenta envenenar o público e não o inutilizar imediatamente?

Mas, será mesmo serviço ir apreender o bacalhau ao negociante Manuel Caetano Alves, e deixar que por essas ruas se ande a vender do mesmo artigo, queijo, etc., por isso?

Será bom serviço fazer varejos, apreender açucars, arroz com gorgulho, feijão arido e furado; mas fazer isso só em Lisboa e consentir que na provincia tudo esteja na mesma?

Que lá se venda açucar a \$100 e \$120, arroz pôde, bacalhau pôde, como se faz no Sobral, em Alentejo, na Malveira, em Torres, etc.? Isso é serviço?

Não é. Isso é simplesmente uma fantochada do governo para armar ao efeito e preparar falsamente a opinião pública para perseguições como as que estão vitando os jovens sindicalistas.

Mas o mais interessante dessa fantochada da caça aos assanbadores, foi o alarde que a imprensa burguesa e boçosa, o assomo de revolta que contra essa torpe exploração do alto e do pequeno comércio, que ele a principio se fingiu possuída para emburrar os papalvos dos seus leitores, para no fim de quatro ou cinco números se calar e até começar a publicar a defesa dos que, por acaso, foram atingidos.

Mas governo e imprensa se equivaliam. Esta calou-se no fim de poucos dias de dissimulação ataque e aquele quedou-se no fim de meia dúzia de fingidas apreensões.

E que risivel é a cabra caga que se jogou nesses poucos dias, e como elle souberam proceder imoralmente!

Aprendiam porque os delegados de saúde consideravam o artigo impróprio para o consumo, mas também aqueles agentes não confirmavam logo a apreensão porque não tinham a certeza que realmente o artigo estava incapaz.

Entretanto dava-se tempo ao negociante a safar todo o artigo que nos

de repressão contra estas especulações criminosas.

O VI Congresso Nacional dos Empregados no Comércio resolve:

1.º Protestar energicamente contra o procedimento do comércio menos escrupuloso.

2.º Dar todo o apoio a quaisquer medidas tendentes a pôr cõbco a propriedade falta de gêneros indispensáveis a vida e consequente carestia.

3.º Incitar os componentes da classe dos caixeiros a cumprir os seus deveres de trabalhadores conscientes, participando sem contemplos nos seus sindicatos, a existência de viveres assanbadores ou avarejos, negando-se assim a ser convenientes no principal factor da situação angustiosa que os classes trabalhadoras vivem atravessando.

4.º Lembrar aos sindicatos da classe que, a maneira que vão tendo conhecimento de tais manobras, as fazem chegar ao conhecimento de quem de direito possa e deva providenciar.

Santarem e Sala do VI Congresso Nacional dos Empregados no Comércio, aos 28 de Setembro de 1919. — António Faustino, de Lisboa, Elto Marques Pinho, de Fafe.

E' admittida, ficando para mais tarde de a sua discussão. Por proposta dum congressista é suspensa, por 5 minutos, a sessão em sinal de sentimento pelos mortos que trabalharam pela causa do caixeiro.

Reaberta a sessão é lido o Relatório do Conselho Geral da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio, que depois é posto a discussão, falando sobre elle Costa Azevedo, que, referindo-se aos trabalhos eitos pelo conselho geral, lamenta que elles tenham sido tam poucos e faz votos para que de futuro se trabalhe mais.

Posto depois a aprovação é o relatório aprovado por maioria, procedendo-se depois a leitura do relatório da Junta Executiva (zona sul).

Sobre este documento falam os camaradas Faustino, de Lisboa, Cid, de Santarém, Côrvo, de Lisboa, Pais Abella, de Évora; Carvalho, de Setúbal; Luis Velez, de Olhão, e outros, todos mais ou menos fazendo reparos aos trabalhos da Junta Executiva. Por parte desta responde Rodrigues Loureiro que dá explicações á assembleia, respondendo ponto por ponto ás observações dos oradores, que antecedem. Posto depois á votação o relatório sobre o qual incidia a discussão, é aprovado por maioria.

Em virtude do adeantado da hora é a sessão suspensa para recommear ás 20 horas.

Saudando a C. G. T.

Pela Confederação Geral do Trabalho foi recebido o seguinte telegrama: SANTAREM, 28. — O Congresso Nacional dos Empregados no Comércio, envia-vos saudações fraternas e carinhosas. — Joaquim Carreira, presidente.

Polícia exemplar

A propósito da noticia que ontem publicamos sob este título, devemos reafirmar que a policia que tam humanamente procedeu, e que bem pode servir de exemplo á corporação, é o n.º 728 e chama-se Diáquino Vieira, número e nome que ontem saíram errados por insuficiência de informação.

NO BARREIRO

A questão da C. U. F.

A sessão convocada pela Câmara decorre muito agitada — Alfredo da Silva é atacado fortemente

BARREIRO, 28. — Compacta multidão aglomerando-se á porta da Câmara Municipal, composta na sua maioria por operários da C. U. F., affirmando-nos um operário que estavam ali por ordem da Companhia, que fechará a fábrica se o imposto persistir. Esteve iminente um conflito com a força armada, por quererem os populares forçar a entrada.

A atitude dos operários da C. U. F. é enigmática, a ponto de desconfiarem do representante deste jornal que não queriam deixar entrar. O presidente da câmara expôs o conflito, dizendo não haver da parte da câmara intuições reservadas. Justifica a atitude da câmara, que pretende obter recursos para fazer face aos seus encargos, visto não ter cinco reis e só ter dividas.

Termina por afirmar que a câmara não poderá viver se o imposto não for avante.

O vereador sr. Manuel Simplicio chama a Alfo do Silva, o Raku português, que, não tudo, justificando a atitude da câmara e dizendo que talvez consiga agora a satisfação dos seus interesses, pois que a câmara está dentro da lei. Cita o facto de outras câmaras procederem idênticamente.

Produz-se tumulto violento pelos protestos de alguns industriais contra uma accusação formulada pelo orador que termina por afirmar que se Alfredo da Silva vence, elle declara-se bochevista. O sr. António Maria Ribeiro, operário da C. U. F., diz que o imposto veio prejudicar os operários. Há protestos, salientando-se os operários da C. U. F. em apoiados ao orador e contra a câmara, pelo que se estabelece tumulto. Da parte dos operários da C. U. F. ouvem-se vozes que dizem: fora!

Júlio Verissimo dirigindo-se aos operários da C. U. F., lastima o papel ingratu e indecente que ali desempenham, citando o facto de estarem ali alguns que se sacrificaram por elles. Produz uma bella oração, bem argumentada. Fala o industrial corticeiro Miguel Lopes, que afirma ser o agitador deste movimento, porque com elle defende os interesses do município. O imposto vem recair sobre o consumidor, alegando a crise que a industria corticeira atravessa com a guerra, indo o imposto agravar a mesma industria. Com este orador e a presidência há troca de palavras violentas, motivadas por affirmações feitas por aquele senhor.

O orador continua atacando violentamente Alfredo da Silva dizendo que elle indecentemente se recusou a receber a câmara, chamando a Alfredo da Silva explorador do proletariado e inimigo das instituições, sendo muito apoiado.

Explica o prejuizo que á saúde pública as fábricas da C. U. F. causam.

Fala o sr. Chagas, secretário da câmara, fazendo uma demonstração de factos, em favor da mesma. Trocam-se explicações entre o orador e o sr. Miguel Lopes.

Fala Celestino Lopes que diz que sendo encarregado dum casa que mais imposto paga á câmara, que é o Armazém de Viveres do Pessoal Ferroviário do Sul e Sueste, também exige que os outros paguem.

No decorrer da sessão, o presidente da câmara recebe um telegrama do governador civil de Lisboa, convidando-o a comparecer nesta cidade hoje, pelas 15 horas, para conferenciar com o presidente do ministério.

Num aparte ao sr. Chagas, o industrial corticeiro, declara que o seu patrão não foi convidado, declarando que produz sensação por se ver um industrial com patrão.

O sr. Chagas leu uma carta que Alfredo da Silva enviou á câmara, na qual, entre outras coisas, diz que o imposto deve ser lançado dum forma geral sobre todos e não só sobre os industriais.

Fala Anacleto da Silva, que ataca violentamente Alfredo da Silva e os industriais corticeiros.

Em seguida, fala o sr. Miguel Lopes, que defende os operários.

Depois usa da palavra o nosso camarada Miguel Correia, que analisa a questão de uma forma geral, extremado campos e orientação, atacando violentamente Alfredo da Silva, que mais uma vez pretende mostrar o seu poder, terminando, depois de longas considerações, por se dirigir aos operários da C. U. F., cujo procedimento verbera, comparando a sua atitude de hoje com o seu procedimento quando da greve, lamentando que só agora os homens que estão á frente da câmara reconhecem quem é Alfredo da Silva, a qual deram o seu apoio na ultima greve.

Concorda com as medidas de violência estabelecidas contra os operários. Demonstros, ainda, aos operários da C. U. F., que quer elles ataquem o defendam Alfredo da Silva, a perspectiva da violência da força armada apresenta-se sempre.

Por último, fala o sr. Manuel dos Santos, que faz uma bella demonstração para justificar a medida da câmara, dizendo que os industriais não tem razão, pois que antes da guerra o adubo era vendido a 10\$00 a tonelada e hoje vende-se a 7\$800. Por cada 30-000 rólhas pagam apenas \$01.

Antes de se encerrar a sessão, o sr. Manuel Simplicio, vereador, diz que a câmara com aquela reunião não apouca ainda para o povo, mas simplesmente quis expor a questão.

A sessão foi encerrada ás 24 horas.

O GOVERNO

AS JUVENTUDES SINDICALISTAS

Os julgamentos de terça-feira

A União das Juventudes Sindicalistas de Portugal, realizando-se na terça-feira, no tribunal da Boa-hora, o julgamento das camaradas presas, apela para o proletariado consciente, apela para que compareça a esse acto, demonstrando, assim, estar solidarizado com os jovens operários presos.

A solidariedade proletária

A União das Juventudes Sindicalistas distribuiu ontem donativos pelos jovens sindicalistas presos no Limoeiro e no forte de Monsanto. Até agora foram recebidas as seguintes quantias:

Obras do Conservatório, 42\$24; Joaquim Almeida Saraiva, 1\$00; Turquetto Alves Braga, 1\$00; Manuel Lopes (industrial de marcenaria), 1\$00; Pessoal marceneiro (oficina Manuel Lopes), 6\$65; Pessoal do Novo Arsenal de Marinha, 1\$34\$6; José Antunes, 2\$20; Pessoal Escadadores (Armazém do Chiado), 9\$00; Polidores de Móveis (Casa Soares), 1\$40; Américo Ernesto (Silva), 2\$00; Pessoal da Escola Normal de Benfica, 1\$25\$5; José António Leitão, 3\$00; Carlos Pinto, 2\$20; Pessoal do Bairro Social do Arco do Cego, 7\$57; Parque Silva Porto, 9\$65; António Fontes, 1\$00; Manuel Pedroso, 3\$30; Pessoal da Casa Alfo de S. Sérgio, 1\$20; José Martins da Silva, 2\$00; Armazém de Marinha: oficina de máquinas, 4\$58; Serralheiros Civis, 1\$15; Carpinteiros de branco, 3\$14; oficina de Fundição, 1\$72; Caldeireiros de Cobre, 1\$95; Ferraria, 2\$74; Industria electrica, 2\$31; Oficina de moldes, 1\$33; Carpinteiros Navais, 4\$75; Anonimo, 1\$15 — Soma, 22\$82. A. L. J., 2\$00; Parque Eduardo VII, 1\$59\$4; J. M., 2\$00; Alfredo Marques, lista n.º 4, 1\$50; José Esteves, 1\$00; Manuel Pladino, 3\$00; G. Gonçalves, 5\$00; alguns camaradas, das obras do Terreiro do Paço, 1\$05; Oba de S. Salvador, 3\$81; Sede da Central, 1\$15; Paulo dos Santos, 1\$10; Quele aberta, rua Castello Branco Saraiva, 7\$16; Julio Rodrigues, 3\$30; Associação dos Fabricantes de Armas e accessorios, 1\$54\$7. Total, 127\$69.

Juventude Sindicalista de Beja

Promovida pela comissão de propaganda desta Juventude, realizou-se na passada sexta-feira, 25, uma sessão de protesto contra as perseguições que o governo vem movendo ás Juventudes Sindicalistas e a vários militantes operários.

A sessão, que esteve extraordinariamente concorrida, presidiu o camarada Manuel Rodrigues, sendo secretariado pelos camaradas Artur Modesto e Manuel Ramos.

Usou em primeiro lugar da palavra o camarada Rodrigues, que explicou qual o fim da reunião. Na mesma ordem de ideias seguiu-o o camarada Lucas que declarou estar ali como delegado da classe da construção civil. Falaram seguidamente os camaradas M. Cois, Manuel Ramos e José Guerreiro, tendo todos palavras de repulsa para a atitude agressiva pelo governo tomada para com as Juventudes Sindicalistas, organismos que, segundo os camaradas referidos, visam a um fim justo: aperfeiçoar moral e intelectualmente o espirito da mocidade proletária.

Por fim, a assembleia aprovou, por entre entusiasticas aclamações, aos jovens sindicalistas encarcerados pelo democrático governo do sr. S. Cardoso, e ás ideias emancipadoras, uma moção, na qual se estigmatiza o procedimento do governo e sauda as Juventudes Sindicalistas recentemente criadas.

Fecharam esta bella reunião as notas estrepitosas e sublimes dos hinos da Batalha e Internacional, entoados em cântico por um enorme grupo de jovens sindicalistas bejenses.

Os rendimentos dos operários

Os automóveis da Cruz Vermelha conduzirão ao hospital de S. José, Américo dos Santos Pereira de 12 anos, jornalista, e a filha de Chelas, 1, que na Fabrica Blak, em Xabregas, foi colhido por um molho de arcos de ferro, ficando contuso pelo corpo, recolhendo á enfermaria de Santo António.

Início da Silva Gomes, de 30 anos, Serralheiro, residente na Calçada das Lages, quinta do Coxo 12, loja, que nas oficinas gerais da Companhia dos Caminhos de Ferro de Portugal, em Santa Apolónia, foi colhido pela roda dum máquina ficando muito ferido no braço direito. Depois de devidamente tratado no banco, pelo dr. Medeiros de Almada, recolheu á enfermaria de Santo Oiro.

Uma prisão

Tendo este jornal publicado num dos ultimos números, uma informação do governo civil, dizendo que Carlos Cândido Massas, fundidor, tinha sido preso, accusado de ter 8 prisiones e de vadiagem, escrevem-nos dizendo ser isso absolutamente falso, sendo responsável pela calúnia o Advogado Custódio das Dofes.

Tractores agrícolas

Vão assistir ás experiências dos tractores agrícolas, que se realizam no Tojal, os ministros da agricultura, justiça, finanças, marinha e comércio e todos os funcionários técnicos do ministério da agricultura. O ministro da agricultura convidou a imprensa a assistir ás experiências.

A BATALHA

TEATRO SÃO LUÍS
A popular e divertida revista
O Pê de mal
Toda a gente a quem desgosta
Para ficar bem disposto,
Basta ir ver o Joaquim Costa
No papel do Ramerrão.

VIDA CABA E DIFICIL

Aparece mais bacalhau pôde!

Foi entregue na doca do Cais da Areia, pelo guarda fiscal n.º 915 da 1.ª companhia, uma carroça que conduzia 186 quilos de bacalhau impróprios para o consumo, pertencente a José Maria Luz Ferreira. O mesmo bacalhau fora depositado, a pedido do proprietário, nos seus armazéns da rua dos Bacalhoeiros, 81, até ir o sub-delegado de saúde examiná-lo. Está guardado pela policia o armazém da rua dos Bacalhoeiros, 41, pertencente á firma Mei & C.ª, por suspeita de haver ali bacalhau impróprio para consumo.

Pelo que se vê, continuam descobrindo os benemeritos assanbadores, grandes porções de bacalhau pôde. Justo é que esses benemeritos da pátria, sejam pelo sr. S. Cardoso agradecidos com a Torre e Espada...

O GOVERNO

AS JUVENTUDES SINDICALISTAS

Os julgamentos de terça-feira

A União das Juventudes Sindicalistas de Portugal, realizando-se na terça-feira, no tribunal da Boa-hora, o julgamento das camaradas presas, apela para o proletariado consciente, apela para que compareça a esse acto, demonstrando, assim, estar solidarizado com os jovens operários presos.

A solidariedade proletária

A União das Juventudes Sindicalistas distribuiu ontem donativos pelos jovens sindicalistas presos no Limoeiro e no forte de Monsanto. Até agora foram recebidas as seguintes quantias:

Obras do Conservatório, 42\$24; Joaquim Almeida Saraiva, 1\$00; Turquetto Alves Braga, 1\$00; Manuel Lopes (industrial de marcenaria), 1\$00; Pessoal marceneiro (oficina Manuel Lopes), 6\$65; Pessoal do Novo Arsenal de Marinha, 1\$34\$6; José Antunes, 2\$20; Pessoal Escadadores (Armazém do Chiado), 9\$00; Polidores de Móveis (Casa Soares), 1\$40; Américo Ernesto (Silva), 2\$00; Pessoal da Escola Normal de Benfica, 1\$25\$5; José António Leitão, 3\$00; Carlos Pinto, 2\$20; Pessoal do Bairro Social do Arco do Cego, 7\$57; Parque Silva Porto, 9\$65; António Fontes, 1\$00; Manuel Pedroso, 3\$30; Pessoal da Casa Alfo de S. Sérgio, 1\$20; José Martins da Silva, 2\$00; Armazém de Marinha: oficina de máquinas, 4\$58; Serralheiros Civis, 1\$15; Carpinteiros de branco, 3\$14; oficina de Fundição, 1\$72; Caldeireiros de Cobre, 1\$95; Ferraria, 2\$74; Industria electrica, 2\$31; Oficina de moldes, 1\$33; Carpinteiros Navais, 4\$75; Anonimo, 1\$15 — Soma, 22\$82. A. L. J., 2\$00; Parque Eduardo VII, 1\$59\$4; J. M., 2\$00; Alfredo Marques, lista n.º 4, 1\$50; José Esteves, 1\$00; Manuel Pladino, 3\$00; G. Gonçalves, 5\$00; alguns camaradas, das obras do Terreiro do Paço, 1\$05; Oba de S. Salvador, 3\$81; Sede da Central, 1\$15; Paulo dos Santos, 1\$10; Quele aberta, rua Castello Branco Saraiva, 7\$16; Julio Rodrigues, 3\$30; Associação dos Fabricantes de Armas e accessorios, 1\$54\$7. Total, 127\$69.

Juventude Sindicalista de Beja

Promovida pela comissão de propaganda desta Juventude, realizou-se na passada sexta-feira, 25, uma sessão de protesto contra as perseguições que o governo vem movendo ás Juventudes Sindicalistas e a vários militantes operários.

A sessão, que esteve extraordinariamente concorrida, presidiu o camarada Manuel Rodrigues, sendo secretariado pelos camaradas Artur Modesto e Manuel Ramos.

Usou em primeiro lugar da palavra o camarada Rodrigues, que explicou qual o fim da reunião. Na mesma ordem de ideias seguiu-o o camarada Lucas que declarou estar ali como delegado da classe da construção civil. Falaram seguidamente os camaradas M. Cois, Manuel Ramos e José Guerreiro, tendo todos palavras de repulsa para a atitude agressiva pelo governo tomada para com as Juventudes Sindicalistas, organismos que, segundo os camaradas referidos, visam a um fim justo: aperfeiçoar moral e intelectualmente o espirito da mocidade proletária.

Por fim, a assembleia aprovou, por entre entusiasticas aclamações, aos jovens sindicalistas encarcerados pelo democrático governo do sr. S. Cardoso, e ás ideias emancipadoras, uma moção, na qual se estigmatiza o procedimento do governo e sauda as Juventudes Sindicalistas recentemente criadas.

Fecharam esta bella reunião as notas estrepitosas e sublimes dos hinos da Batalha e Internacional, entoados em cântico por um enorme grupo de jovens sindicalistas bejenses.

Os rendimentos dos operários

Os automóveis da Cruz Vermelha conduzirão ao hospital de S. José, Américo dos Santos Pereira de 12 anos, jornalista, e a filha de Chelas, 1, que na Fabrica Blak, em Xabregas, foi colhido por um molho de arcos de ferro, ficando contuso pelo corpo, recolhendo á enfermaria de Santo António.

Início da Silva Gomes, de 30 anos, Serralheiro, residente na Calçada das Lages, quinta do Coxo 12, loja, que nas oficinas gerais da Companhia dos Caminhos de Ferro de Portugal, em Santa Apolónia, foi colhido pela roda dum máquina ficando muito ferido no braço direito. Depois de devidamente tratado no banco, pelo dr. Medeiros de Almada, recolheu á enfermaria de Santo Oiro.

Uma prisão

Tendo este jornal publicado num dos ultimos números, uma informação do governo civil, dizendo que Carlos Cândido Massas, fundidor, tinha sido preso, accusado de ter 8 prisiones e de vadiagem, escrevem-nos dizendo ser isso absolutamente falso, sendo responsável pela calúnia o Advogado Custódio das Dofes.

Tractores agrícolas

Vão assistir ás experiências dos tractores agrícolas, que se realizam no Tojal, os ministros da agricultura, justiça, finanças, marinha e comércio e todos os funcionários técnicos do ministério da agricultura. O ministro da agricultura convidou a imprensa a assistir ás experiências.

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal. — Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Central desta Federação, a fim de se occupar de assuntos de interesse imediato.

Ferrovieiros. — Realiza-se hoje, ás 21 horas, uma assembleia extraordinária, para tratar de interesses da classe.

Pedreiros. — Reúne hoje em assembleia geral, para apreciar o relatório dos delegados aos Congressos Nacional da Industria da Construção Civil, e Nacional Operário, realizados em Coimbra. Atendendo á importância dos assuntos ventilados nessas magnas reuniões é de esperar que todos os associados compareçam á assembleia, para conhecerem de perto a attitude que manterem os seus delegados nos referidos congressos, bem como para tomarem conhecimento das resoluções tomadas que de certa maneira dependem da colaboração de todo o operariado organizado. Também a assembleia se deverá pronunciar sobre a eleição duma comissão de defesa profissional, bem como sobre o parecer da comissão que foi nomeada para inquirir da acção moral das obras da Morgge.

Pintores da Construção Civil. — Convidam-se a reunir hoje, em assembleia geral, a fim de se tratar do aumento de salário dos camaradas que trabalham nos transportes marítimos e Empresa Nacional de Navegação.

Manufactureiros de Calçado. — Para apreciar o relatório do delegado ao Congresso da Industria de Calçado, reúnem amanhã, em assembleia geral, pelas 21 horas.

Manipuladores de Borracha. — Para tratar de assunto urgente, reúne hoje, ás 17 horas, esta colectividade. Caso não haja numero bastante para deliberar, fica convocada nova reunião para amanhã á mesma hora.

Inscritos Marítimos. — Em 2.ª convocação, reúne hoje, ás 20 horas, a assembleia geral desta colectividade, com a mesma ordem de trabalhos da reunião anterior.

Catraeiros de Lisboa. — E' convocada extraordinariamente a assembleia geral desta colectividade para hoje, ás 19 horas.

Descarregadores de Mar e Terra. — E' convocada a assembleia geral a reunir hoje.

Atropelamentos

No Banco do hospital de S. José, foi pensado, segundo depois para casa, João Lopes, de 11 anos, filho de Joaquim Lopes, morador no pálio da Galeja, ao Cande Bado, que na rua da Boa Vista, foi colhido por um automóvel do P. A. M., ficando muito contuso pelo corpo.

Na enfermaria de Santo António de Lisboa, Alfo do Silva, de 10 anos, residente em S. Martinho do Porto, concelho das Caldas da Rainha, que ali foi atropelado por um sid-car guiado por José Gomes, fracturando a perna direita com complicações de ferida. Ficaram também ligeiramente feridos dois menores cujos nomes não pudemos apurar, e ali residentes. Os pais, desolados, pedem a intervenção de pensados na farmácia da localidade recolhendo a suas causas.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

1.º Bairro. — Entre diversos membros, ficou formado uma comissão angariadora de donativos a favor dos jovens presos do que os seus membros para se reunir sabado pelas quais obtiveram 7\$00.

Caixeiro selvagem

Na rua do Patrocínio, 109 e 111, está instalada uma mercearia onde um caixeiro de nome José Maria se encontra empregado. Na mercearia tem-se vendido, ultimamente, açucars a ocultas, ás pessoas da simpatia do caixeiro aludido, que é um verdadeiro selvagem, como se prova pelo facto que passamos a expor.

A esposa do sr. Bernardo Vitor Garcia dirigiu-se á mercearia, pedindo lhe vendessem uma pequena quantidade de açucar. Recusou-se a isso o caixeiro, e tal facto motivou da freguesia justos protestos por não ser aquêle género vendido a todos.

O caixeiro insistiu maliciadamente na recusa, e, possuído de uma fúria sibiá, agarrou numa pedra de sabão, com que repetidas vezes agrediu a esposa que, sr. Garcia, a pontos que teve esta de ir receber curativo ao hospital da Estrela. O caixeiro foi preso, mas parece que se movem já altas influências para libertar o selvagem.

Aradenias, Universidades e Escolas

Academia de Estudos Livres. — Reúne hoje a assembleia geral, ás 21,30 horas, funcionando com os sócios presentes para se 2.ª convocação, para tratar da questão do aluguer de nova casa para instalação da Academia. Das resoluções tomadas resultará o caminho a seguir. Até hoje a Academia de Estudos Livres não tem encontrado sede para se instalar, correndo assim o risco, apesar dos seus serviços á instrução e educação, de ter de dar por terminada a sua missão.

Associação de Instrução das Classes Trabalhadoras. — Encontra-se aberta, a partir do dia 1 de Outubro, a sede desta Associação, a matricula para o curso primário e o qual é gratuito e destinado ás classes proletárias.

Na sede da mesma Associação, rua das Trinas, 6-B, prestam-se quaisquer esclarecimentos, todos os dias úteis, das 20 ás 21 horas, a partir daquelle dia.

Desastre a bordo

Domingos da Silva Carvalho, de 16 anos, marítimo, residente na travessa dos Indipendentes, 16, 3.ª, trabalha actualmente a bordo da fragata "Três Irmaos" que se encontra atracada na muralha de Alcátara. Ontem, ao fazer a sua entrada no rio, uma lata que parecia ter servido a carboreto, e tirando-a para o convex, chegou-lhe um fôstoro acceso, o que deu origem a levantar-se uma grande chuma que o foi queimar no rosto. Conduzido ao Hospital de S. José, recebeu no Banco os primeiros socorros, dando depois entrada numa das enfermarias.

Instituto de Medicina Legal

Sob a presidência do juiz auxiliar dr. Alfo da Cruz e peritos drs. Asdrubal de Aguiar e Santana Rodrigues e escrivão Asquies efectuaram-se neste Instituto 30 exames directos a indivíduos vítimas de crime e entregues aos Tribunais.

Sob a presidência do mesmo magistrado e dos mesmos peritos efectuou-se também na sua residência, na Travessa dos Indipendentes, 16, 3.ª, o exame directo no sr. Ernesto Aires de Andrade, secretário do ministério do commercio que há dias saiu do hospital de S. José a fazer a sua entrada no rio, uma lata que parecia ter servido a carboreto, e tirando-a para o convex, chegou-lhe um fôstoro acceso, o que deu origem a levantar-se uma grande chuma que o foi queimar no rosto. Conduzido ao Hospital de S. José, recebeu no Banco os primeiros socorros, dando depois entrada numa das enfermarias.

As 8 horas

Empregados no Comércio

A comissão mista composta de delegados da F. P. de E. C. e de assanbadores existentes em Lisboa, reunidos ontem tomaram conhecimento do manifesto da Associação dos Lojistas de Lisboa e ponderaram que as affirmações ali contidas estão na sua lógica, não lie cabendo, no limitado espaço, a contestação que esta comissão pôde opôr em determinados pontos. Assim, limita-se a aguardar os acontecimentos e espera a attitude do governo perante a revolta manifestada, que ao governo atinge directamente. Entretanto procurará averiguar como o caso se resolve nas estações oficiais e esclarecer o público, no comício que se realiza amanhã, pelas 21 horas, na rua António Maria Cardoso, 20.

Empregados Menores do Comércio e Indústria

Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para apreciar o regulamento de trabalho de empregados no comércio, a Associação de Classe dos Empregados Menores do Comércio e Indústria de Lisboa.

A "Casa dos Jornalistas"

Novas adesões

A comissão executiva da Casa dos Jornalistas recebeu ontem o seguinte officio: "Ex.ª Sr. Presidente da Comissão Organizadora da "Casa dos Jornalistas". — A Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes, agremiação em que se encontram inscritos a maioria dos artistas portugueses, não querendo deixar de contribuir com sua parcela de esforço para tudo que ao país possa dar prestigio, vem por este meio oferecer o seu palmario aos jornalistas portugueses, pondo á sua disposição a galeria das exposições de arte para tudo que de requizos e possa resultar em benefício util do intento a que se propõe para completa realização do que breve será um facto: a Casa dos Jornalistas. Alheia a qualquer creio politico ou creio religioso, a Sociedade Nacional de Belas Artes não tem um ideal: o progresso constante do país, revelado no esforço comum que indivíduos e classes de trabalho empreendem para a felicidade nacional, devendo-se portanto incluir no seu programa a defesa dos interesses da fraternidade. — Sociedade Nacional de Belas Artes, em 26 de Setembro de 1919. — O. 1.º secretario, Lucena."

Ainda a recita no teatro de S. Luís

Como complemento das notas já publicadas sobre a recita de sexta-feira no teatro de S. Luís, em homenagem á Casa dos Jornalistas, informamos hoje que a actual empresa daquelle casa de espectáculos entregou ontem o produto liquido da festa, que deu a 5\$000. Além da policia e dos bombeiros, que não aceitaram os seus honorários habituais, também a empresa Alves Coelho & C.ª, a empresa proprietária do teatro, o illustre escritor Eduardo Schwalbe e os maestros Del-Negro e Alves Coelho cederam os seus respectivos direitos, havendo ainda a registrar que o comitê de honrários pagou o seu fãntico pela quantia de 1\$00.

Do comboio á linha

José Alves Pires, de 62 anos, viúvo, fiscal do Gáverno na Companhia dos Caminhos de Ferro, residente em Azambuja, tomou na passada quinta-feira ás 11 e 40 o comboio, resolvido a ir para Coimbra, a fim de tratar da sua saúde em casa de família.

Após chegar ao entroncamento apeou-se para falar a uns amigos, mas quando tocou a avo de novo o comboio, que já ia em andamento, escurrou, caindo na linha.

Sorrindo por alguns empregados da estação foi conduzido a Azambuja, e dali em maca para o hospital de S. José, onde o cirurgião de serviço dr. Medeiros de Almeida verificou que elle apresentava um ferimento na cabeça, pelo que recolheu á enfermaria de Santo Onofre.

Câmara Municipal de Lisboa

Pintura e limpeza de prédios

Em conformidade com o que se tem feito nos anos anteriores resolveu-se prorrogar até 31 de dezembro proximo, o prazo para pintura e limpeza dos prédios particulares, que segundo a respectiva postura e o edito publicado tinham de sofrer aquellas obras até 31 do corrente.

Aniversário da República

Segundo nos consta a Com.ª Executiva da Câmara Municipal de Lisboa, para em convidar o distinto artista lido do Paço da expor em uma conferência, organizada pela mesma câmara no teatro Nacional, no dia 6 de outubro proximo, as bases principais da iniciativa de se construir uma aldeia portuguesa na Flánderes.

Colhido por um coice

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço recebeu ontem curativo António Augusto Marques de 25 anos, carreiro e residente em Chelas que ali foi colhido por um coice dum muiro ficando muito ferido no braço esquerdo.

Da janela á rua

Um dos automóveis da Cruz Vermelha conduziu ao hospital de S. José Henriqueta da Silva, de 18 anos residente na rua Heitor de Almeida, 1, e destinada ao emprego que extendia roupa a uma janela da residência caiu á rua fracturando o braço esquerdo.

Recolheu, depois de devidamente pensada no banco, á enfermaria provisória no hospital do Desterro.

Preso que se evade

Da enfermaria de S. Fernando do hospital do Desterro fugiu ontem o preso José Gaeta Gonzalo e Plaza que para ali tinha entrado há dias, vindo do Limoeiro.

Festas operárias

Associação Auxiliadora da Classe dos Pedreiros

Realiza no dia 6 de outubro uma festa de solidariedade, no Teatro Sálao dos Anjos, travessa do Boralheiro, e destinada ao produto a auxiliar os orfãos de Inácio Pereira e Fortunato dos Santos que, por terem dado o melhor do seu esforço á organização da defesa do convívio social deixando na orfandade um filho e uma filha cada um deles.

Impõe-se a todos os camaradas o dever de auxiliar essas crianças, cumprindo assim um dos nossos principios morais que defendemos e propagamos.

Sobre a organização operária impende a responsabilidade da educação que deve dar-se á futura geração, tanto mais neste caso em que se trata de crianças que perderam seus pais no esgotamento da luta social.

Os bilhetes encontram-se há venda na sede da associação onde podem ser adquiridos todos os dias úteis, das 20 horas em diante.

A comissão pede a todos os camaradas que levarem bilhetes, que venham prestar contas na proxima terça-feira, ás 21 horas.

Ultimas noticias

EM BRUXELAS

O congresso de medicina

O congresso da associação dos médicos de língua francesa em ginecologia e obstetricia abriu ontem sob a presidência do sr. Maurice Brouha, professor na Universidade de Liège. Depois de ter saudado os congressistas, o Brouha salienta a importância social de assuntos constantes da ordem do dia.

O dr. Luis Delatre, representando o ministério da sciência e artes, tomou em guida a palavra.

Foram depois nomeados os corpos rectivos da associação. Participam n trabalhos os mais eminentes especialistas da França, Suíça, Espanha e Bélgica. — T. S. F.

Wilson fatigado

Um telegrama de New York para *Matin* anuncia que o presidente Wilson, achando-se fatigado, interrompeu sua "tournee" e regressa a Washington. — T. S. F.

O Conselho supremo dos aliados

A fixação dos efectivos alemães. Um tratado sobre o Adriático.

O conselho supremo aprovou ontem as propostas do marechal Foch fixando os efectivos alemães. Aprovou também um projecto de tratado preparado pela comissão do Adriático, o qual deará ser assinado por todos os estados que surgiram do império austro-hungaro. Este diploma refere-se ao tratamento recíproco a conceder aos cidadãos desses estados no que respecta aos bens que podem possuir nos dois estados vizinhos. Segundo diz o *Petit Parisien* a Sérvia está disposta a assinar o tratado. — T. S. F.

No Porto

Dois desastres no caminho de ferro. — Num estaleiro — Colhida pelo elevador — A Alifandega

PORTO, 27. — Na estação de Campanhã, quando pretendia embarcar num tramway em andamento, caiu um políptico, que teve morte instantânea.

Também faleceu no hospital o ferido viário Carlos Henriques, que na estação da Alifandega ficou entalado entre o cais e um vagão.

No estaleiro do Ouro foi apanhado por uma derrocada de madeiras o